

**“HOJE SOU O RESULTADO DE DUAS
VIVÊNCIAS, A EUROPEIA E A
BRASILEIRA”:**

A passagem de Conrad Detrez pelas ditaduras do
Brasil (1962-1967) e de Portugal (1974-1976)

**“TODAY I AM THE RESULT OF TWO
EXPERIENCES, THE EUROPEAN AND THE
BRAZILIAN”:**

Conrad Detrez’s journey through the dictatorships of
Brazil (1962-1967) and Portugal (1974-1976)

LUCAS BARROSO¹

Data em que o trabalho foi recebido: **06/08/2024**

Data em que o trabalho foi aceito: **02/10/2024**

¹ Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui especialização em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É licenciado em História pela Universidade Candido Mendes (UCaM) e bacharel em História pela UFRJ. Também é licenciando em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: lucas.barroso@ufrj.br

“HOJE SOU O RESULTADO DE DUAS VIVÊNCIAS, A EUROPEIA E A BRASILEIRA”:

**A passagem de Conrad Detrez pelas ditaduras do Brasil (1962-1967)
e de Portugal (1974-1976)**

RESUMO

O artigo analisa, sob uma perspectiva micro-histórica e comparada, a trajetória do escritor belga Conrad Detrez (1937-1985) durante sua passagem pelo Brasil, entre 1962 e 1967, e em Portugal, durante a derrocada do Estado Novo (1933-1974). O estudo explora como o romancista, influenciado por eventos históricos importantes, como o golpe civil-militar no Brasil (1964) e a Revolução dos Cravos (1974), participou ativamente na resistência ditatorial e na posição de observador de um processo revolucionário. Nesses dois países, sua trajetória foi marcada por oscilações emocionais e políticas: no Brasil, viveu o fervor revolucionário seguido pela repressão, prisão, tortura e exílio; já em Portugal, embora tenha reencontrado o espírito revolucionário, experimentou uma vitória limitada por concessões que resultaram em uma intensa introspecção em sua vida. Utilizando uma metodologia qualitativa baseada em estudo de caso e análise comparativa, o objetivo deste trabalho é analisar a trajetória do escritor em sua primeira passagem pelo Brasil e por Portugal, descrevendo suas inserções sociais, ações políticas e atuações profissionais em épocas distintas nos dois países. A pesquisa revela a complexidade das suas experiências sociais e políticas, destacando sua transição de militante a jornalista e escritor autobiográfico, bem como sua influência na divulgação internacional de vozes dissidentes. Por meio da publicização de sua vivência por grandes eventos do século XX, espera-se que sua biografia, enfim, tenha uma importância renovada para a historiografia das resistências às ditaduras na América Latina e Península Ibérica.

Palavras-chave: Biografia. Resistência. Conrad Detrez. Militância. Ditadura.

**“TODAY I AM THE RESULT OF TWO EXPERIENCES,
THE EUROPEAN AND THE BRAZILIAN”:**
Conrad Detrez’s journey through the dictatorships of Brazil (1962-1967)
and Portugal (1974-1976)

ABSTRACT

The article analyzes, from a micro-historical and comparative perspective, the trajectory of Belgian writer Conrad Detrez (1937-1985) during his time in Brazil between 1962 and 1967, and in Portugal during the downfall of the Estado Novo (1933-1974). The study explores how the novelist, influenced by significant historical events such as the civil-military coup in Brazil (1964) and the Carnation Revolution (1974), actively participated in the resistance against dictatorship and took on the role of an observer in a revolutionary process. In these two countries, his trajectory was marked by emotional and political fluctuations: in Brazil, he experienced the revolutionary fervor followed by repression, imprisonment, torture, and exile; in Portugal, although he rediscovered the revolutionary spirit, he encountered a victory limited by concessions that led to intense introspection in his life. Using a qualitative methodology based on case study and comparative analysis, this work aims to analyze the writer's trajectory during his initial stay in Brazil and Portugal, describing his social insertions, political actions, and professional roles at different times in these two countries. The research reveals the complexity of his social and political experiences, highlighting his transition from activist to journalist and autobiographical writer, as well as his influence on the international dissemination of dissident voices. Through the publicization of his experiences in major events of the 20th century, it is hoped that his biography will gain renewed importance in the historiography of resistance to dictatorships in Latin America and the Iberian Peninsula.

Keywords: Biography. Resistance. Conrad Detrez. Activism. Dictatorship.

INTRODUÇÃO

A América Latina, entre as décadas de 1960 e 1970, foi vítima de uma violência política nunca antes experienciada no continente. Nesse contexto, Zanatta (2017) apresenta duas tipologias que se defrontaram dicotomicamente nesse período: a violência revolucionária, em prol da justiça social e da soberania nacional; e a contrarrevolucionária em defesa de um “Ocidente cristão”. Bem mais presente do que a primeira, a segunda foi marcada por violações clandestinas aos direitos humanos e por uma repressão sem precedentes assistida mutuamente entre os países, a partir, por exemplo, do Plano Condor.

No Brasil, a ditadura civil-militar (1964-1985) materializou esses conflitos a partir da construção política e ideológica de um Estado militar sob a égide de uma violência clandestina. Nesse cenário, em meio a repressão, a escrita nacional sobre os movimentos de resistência era “uma tarefa quase impossível”, nas palavras de Sizilo (2017, p. 36). O mundo exterior abria maiores possibilidades de escrita, publicação e divulgação da história recente brasileira. Na década seguinte ao golpe civil-militar no Brasil, os principais polos internacionais vistos com esse fim foram o Chile, a França, o México, a Colômbia e a Grã-Bretanha, seja por ação de exilados brasileiros ou por simpatizantes da resistência nacional.

O escritor belga Conrad Detrez (1937-1985), em sua face jornalística, foi um desses responsáveis, tanto quando esteve no Brasil quanto em seu exílio no exterior. Sua inserção em movimentos sociais marcou a resistência urbana contra o fascismo brasileiro e sua repercussão no exterior europeu. Ao começar a escrever sobre o país e traduzir autores brasileiros, caminhos puderam ser abertos para que diversas publicações internacionais fossem publicizadas sobre a trajetória de opositores da ditadura e dos acontecimentos do regime ditatorial-militar brasileiro, sobretudo na França.

Depois de seu retorno forçado à Europa, o escritor, entre os anos de 1972 e 1986, publicou onze obras, tanto de cunho literário quanto analítico da realidade política de diversos países. Em ordem cronológica, os títulos publicados foram *Les Mouvements révolutionnaires en Amérique latine* (1972); *Ludo* (1974); *Les Plumes du coq* (1975); *L'Herbe à brûler* (1978a); *La Lutte finale* (1980); *Le Dragueur de Dieu* (1980); *Les Noms*

de la tribu (1981); *La Guerre blanche* (1982); *Le Mâle apôtre* (1982); *La Ceinture de feu* (1984); e, postumamente, *La Mélancolie du voyeur* (1986a). Em suas obras a partir de 1974, praticou o que chamava de “autoanálise literária”, ao mesmo tempo em que escrevia seus testemunhos da história ocidental.

Desde cedo, vivenciou grandes acontecimentos do século XX. Em sua infância, testemunhou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um conflito global que mobilizou nações em uma escala sem precedentes. Este período foi marcado pela divisão entre os Aliados e o Eixo, resultando em uma devastação sem igual e uma perda estimada entre 50 e mais de 70 milhões de vidas (SOMMERVILLE, 2008). A Europa, onde Detrez estava, foi um dos principais campos de batalha, sofrendo enormes consequências em termos de destruição e perda humana.

Em seu país natal, também presenciou a Questão Real (1944-1950), um período de intensa controvérsia sobre o retorno do rei Leopoldo III, cuja conduta durante a ocupação nazista gerou discordância entre os belgas. As tensões se manifestaram em debates acalorados, greves e protestos, refletindo os desafios enfrentados pelo país após o término da guerra e durante os anos de reconstrução e reestruturação.

Ao desembarcar no Brasil como seminarista, foi espectador do golpe civil-militar de 1964, que interrompeu o governo democrático e instaurou uma ditadura que perdurou por mais de duas décadas. Esse período foi marcado pela repressão política, censura e violações dos direitos humanos, afetando profundamente a sociedade brasileira e deixando um legado de resistência e luta pela democracia, no qual atuou com protagonismo.

Em 1968, Detrez, em seu exílio, testemunhou os eventos de maio de 1968 na França, um período de intensa agitação social, protestos estudantis e greves operárias que desafiaram as estruturas de poder estabelecidas. Esse movimento representou um desafio às noções tradicionais de política e sociedade, influenciando gerações futuras e deixando um impacto duradouro na cultura e na política francesas.

Anos mais tarde, também viveu a Revolução dos Cravos (1974) em Portugal, um movimento que pôs fim a décadas de ditadura e inaugurou um período de transição para a democracia. Este evento marcou não apenas o fim do regime autoritário, mas também o início de uma nova era de liberdade e reforma política no país.

Por fim, presenciou a Revolução Sandinista (1979) na Nicarágua, liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), que derrubou a longa ditadura da família Somoza. Esta revolução resultou na implementação de reformas sociais e econômicas significativas, consolidando o controle sandinista e marcando o início de uma nova era na história da Nicarágua.

Ao longo do século XX, pouquíssimos indivíduos estiveram envolvidos em todos esses acontecimentos históricos. Apesar das contribuições de Detrez, enquanto ator e observador, para a história, política e cultura ocidentais, sua biografia é frequentemente ignorada e sujeita a limitações movidas por estereótipos e preconceitos (RIBEIRO, 2019). Em um contexto marcado por polaridades políticas e disputas de memória, a narrativa sobre essa figura histórica pode surgir como uma fonte de resistência, contrapondo-se às tentativas de obscurecimento de sua própria biografia.

Na atual conjuntura, narrar a trajetória de militantes perseguidos por ditaduras pode ser uma ferramenta historiográfica para impedir o apagamento proposital da repressão ditatorial, que, como pontuado por Boito Júnior (2020), é realizado por parte de grupos aferrados ao neofascismo. Em um país de ambiguidades e polaridades, é preciso tomar partido e, nesse contexto, o trabalho dos historiadores pode surgir como uma lâmpada em meio a uma escuridão marcada por preconceitos, estereótipos e silenciamentos que rondam a realidade social e política do Brasil.

Em meio aos cenários adversos atuais e o de décadas atrás, é fundamental considerar a trajetória de personalidades que combateram a ditadura e o autoritarismo militar, como foi o caso do belga Conrad Detrez, que, entre os anos de 1962 e 1967, esteve no Brasil, sendo militante da Ação Popular (MAP) e da Juventude Operária Católica (JOC), e em Portugal, durante a eclosão da Revolução dos Cravos (1974). Suas diversas inserções sociais, ações políticas e atuações profissionais compuseram sua vida nesses espaços.

O objetivo, portanto, deste artigo é analisar, de forma micro-histórica e comparada, a trajetória do escritor belga Conrad Detrez em sua primeira passagem pelo Brasil e por Portugal, descrevendo suas inserções sociais, ações políticas e atuações profissionais em épocas distintas nos dois países. Desse modo, o presente trabalho é oriundo de uma investigação qualitativa, baseada em um estudo de caso.

METODOLOGIA

Em meio à recente virada biográfica da história, a investigação da vida dos indivíduos está atrelada aos desenhos de seus amplos panoramas sociais, políticos e culturais que estão inseridos. Desta forma, os vastos cenários (econômicos, culturais, institucionais, legais) nos quais as pessoas se inserem estão relacionados a tomadas de decisão pragmáticas que podem impactar toda uma sociedade de modo micro ou macro. Essa lógica permite, portanto, reconstituir a complexidade, a multiplicidade e a diversidade das experiências sociais e individuais ao longo da história.

Nesse cenário, a micro-história é um caminho metodológico a ser trilhado. Ela é estruturada na concepção de que uma escala particular de observação produz efeitos e estratégias de conhecimento, bem como alterações significativas em sua forma e trama. Mudando a escola das escalas de observação, é possível transformar o próprio conteúdo daquilo que é representado e, por conseguinte, analisado (REVEL, 1998).

A proposta da micro-história é enriquecer a análise social, tomando como base os comportamentos individuais, as relações entre indivíduos, as experiências sociais e a constituição de identidades. Assim, adota-se uma perspectiva a nível local, em que a defasagem entre categorias exógenas e endógenas é mais definida. A partir da análise dos comportamentos de indivíduos, visa-se à reconstrução das modalidades de agregação e de associação social.

De acordo com essa lógica, a escolha do individual não é considerada como totalmente oposta à social; ela, ao contrário, visa possibilitar uma abordagem distinta do contexto social, ao seguir o caminho de um destino específico – seja de um indivíduo ou de um grupo de pessoas – e, junto com ele, a diversidade de espaços e tempos, desvendando a complexidade das relações nas quais se inserem (REVEL, 1998).

A partir desses contributos, este trabalho se propõe a analisar a trajetória de Conrad Detrez durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a final do Estado Novo português (1933-1974). Para esse fim, o caminho metodológico utilizado neste artigo é de base qualitativa (AIRES, 2011) e micro-histórica (GINZBURG, 1989; REVEL, 1998), fundamentada em estudos de caso (YIN, 2005).

O uso de uma abordagem qualitativa prioriza a exploração, descrição e

compreensão de fenômenos sociais em sua complexidade. Essa metodologia não se limita à formulação de hipóteses prévias, mas busca captar a dimensão subjetiva dos fenômenos por meio de um contato próximo e prolongado com os sujeitos no seu contexto. Fundamentadas no paradigma construtivista, considera a realidade como uma construção social e o conhecimento como um processo interativo entre pesquisador e objeto, focando nos significados atribuídos pelos atores sociais (AIRES, 2011).

Nesse cenário, o uso de uma perspectiva micro-histórica, em oposição a formulações gerais e abstratas, seria, segundo Revel (1998) inseparável do próprio ofício dos historiadores, bem como de sua experiência de investigação e dos percalços que perpassam esse processo. Desse modo, o método indiciário abre a possibilidade de uma flexibilidade e integralidade nas ciências humanas, a partir da centralidade da análise de elementos imponderáveis, como os sentidos e a intuição de qualquer observador pelo mundo (GINZBURG, 1989).

Para complementar essas análises metodológicas, também se recorreu a uma investigação comparada centrada na história de vida de Conrad Detrez, levando em conta suas passagens por Brasil e Portugal. A adoção dessa perspectiva se deu em virtude da busca de particularidades, semelhanças e diferenças entre essas experiências e como elas foram responsáveis por moldar a vivência e as expectativas do belga em duas fases diferentes de sua vida.

A partir dessas perspectivas, os principais objetivos, hipóteses e conclusões presentes a seguir foram tecidos a partir de fontes públicas encontradas em torno de Detrez em acervos brasileiros (Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional); franceses (Biblioteca Nacional da França), belgas (Arquivos e Museu de Literatura e Centro de Documentação e Pesquisa em Religião, Cultura e Sociedade) e estadunidenses (The New York Times).

Além disso, também foram analisados relatos pessoais do belga, ou que o mencionavam, presentes em entrevistas (BONFIM, 1980; D’AGUIAR, 2023; PANIER, 1981), romances autobiográficos (DETREZ, 1978; 1979; 1981; 1986), ensaios (ALMEIDA, 2011a; 2011b; SAENEN, 2016) e referências secundárias contidas em trabalhos de graduação e pós-graduação publicados tanto no Brasil quanto no exterior (DAERDEN, 2014; MASSIN, 2023; RIBEIRO, 2019; SIZILIO, 2017).

A TRAJETÓRIA DE CONRAD DETREZ (1937-1985)

A infância de Conrad Detrez foi influenciada pela presença da violência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e pela fervorosa religiosidade católica de Liège, onde nasceu. Enquanto testemunhava os horrores da guerra durante seus primeiros anos de vida, Detrez também era imerso nos rituais e simbolismos da fé católica, quando recebeu o nome latinizado de Conradus Primus. Dentro do ambiente eclesiástico, viveu tanto o encanto inicial quanto experiências dolorosas. Esses eventos traumáticos deixaram marcas indeléveis em sua psique, moldando não apenas sua visão de mundo, mas também sua busca por significado e redenção ao longo de sua vida e em sua obra literária.

Para desbravar o mundo, o jovem precisou deixar Liège, à contra vontade da direção da Universidade. Deixar a Bélgica, sua família, infância, bem-estar e segurança para trás. Precisou romper as primeiras barreiras de sua vida para poder, enfim, se encontrar no mundo. Longe de casa, o jovem aventureiro deu de cara, porém, com a natureza nua e crua da humanidade, que tanto leu nos textos bíblicos. No ano de 1962, desembarcou no continente americano, em um país continental prestes a entrar em uma ditadura que duraria 21 anos.

Neste ano, o belga desembarcou no Rio de Janeiro aos 25 anos durante um período turbulento no Brasil. Inicialmente como missionário, envolveu-se em movimentos pastorais e trabalhistas, mas seu engajamento político mudou devido ao início do regime ditatorial, o que o levou a viver na clandestinidade revolucionária sob o pseudônimo de Domingues. Nesse contexto, também foi confrontado com seu desejo carnal e romântico por homens. Sua nova jornada confrontou sua fé com seus desejos, sua nova conexão com a cultura brasileira e seu ativismo político, transformando-o de seminarista belga em defensor engajado dos direitos humanos no Brasil.

Expulso do Brasil, Conrad Detrez buscou por novos campos de atuação ao redor do mundo, envolvendo-se na literatura autobiográfica e em redes de solidariedade para exilados latino-americanos. Participou ativamente de acontecimentos históricos do século XX e desempenhou um papel crucial na divulgação das vozes dissidentes do Brasil. Além de sua atuação jornalística e política, destacou-se como um tradutor dedicado, trazendo para o público europeu importantes obras brasileiras, e como romancista premiado.

Seu encantamento pela literatura brasileira levou-o a se tornar, possivelmente, um dos principais expoentes da cultura brasileira na Europa na segunda metade do século XX. Encontrando exílio em Paris, estabeleceu-se como escritor e divulgador literário, traduzindo obras de autores da literatura nacional, como Jorge Amado e Antonio Callado, e promovendo a popularização de escritores brasileiros no continente europeu, como Carlos Marighella, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus.

CONRAD DETREZ E A DITADURA BRASILEIRA (1962-1967)

Desde 1961, o Brasil vivia em uma instabilidade social, política, militar e econômica sob o regime democraticamente eleito de João Goulart (1961-1964). Reformas sociais e democráticas não surtiram os efeitos desejados. Distúrbios e manifestações contrárias ao governo deram a tonalidade desse período, culminando em um golpe civil-militar de Estado. Entre 31 de março e 01 de abril de 1964, o presidente foi deposto com apoio dos Estados Unidos e uma ditadura se instaurou no país.

Nesse ínterim de efervescência, o seminarista belga Conrad Detrez desembarcou no Rio de Janeiro no dia 31 de julho de 1962. Por sua formação católica, vinculou-se, em um primeiro momento, a movimentos operários e estudantis cristãos de tendência criptomarxista. Ao se debruçar sobre a realidade brasileira, teve acesso às ideias da Revolução Cubana e da Teologia da Libertação, ao passo que foi se aproximando progressivamente da militância política.

Deveria ser professor em um colégio católico de Minas Gerais (MG), mas um dos padres que iria esperá-lo no cais do porto para levá-lo até lá nunca apareceu (D'AGUIAR, 2023). Desamparado e sem falar português, procurou o diretor do Seminário Arquidiocesano de São José, um tradicional estabelecimento de ensino religioso no Rio de Janeiro (RJ), em busca de acolhimento e direcionamento.

Ao chegar na casa de formação diocesana, ficou sabendo do caso de um bispo em Volta Redonda (RJ) que estava em busca de leigos para trabalhos apostólicos na região. O nome do clérigo era dom Agnelo Rossi (1913-1995), o brasileiro que mais alto subiu na hierarquia eclesiástica, sendo considerado um dos grandes expoentes da Igreja do Brasil. Os seus primeiros seis meses no país passaram-se, assim, no polo da indústria siderúrgica do estado.

Detrez já exercia o papel de ativista internacional da Juventude Operária Católica (JOC), um dos segmentos da Ação Católica (AC), chegando a desempenhar o cargo de dirigente na filial brasileira, como desígnio da sede belga. Foi lá onde conheceu Carlos Alberto Libânio Christo, popularmente conhecido como frei Betto, um dos integrantes da direção nacional da Juventude Estudantil Católica (JEC), e, assim, pôde contar com todo apoio e cumplicidade do frade ao longo de sua passagem pelo país.

Como parte de suas atividades missionárias, participou, tempos depois, de um retiro espiritual em um convento em São Vicente, um dos municípios de São Paulo. O monastério era vizinho de um quartel. A partir dessa viagem, o religioso começou a gestar o desejo de fundar uma ordem religiosa de operários, além de começar a sentir atração por outros homens, sobretudo pelos soldados descamisados da região paulista (DETREZ, 1979).

Nos respectivos dias de viagem, sua homossexualidade foi, aos poucos, ainda mais revelada pelo seu desejo gestado em torno homens negros, metonimizada pela atração diferenciada que sentiu pelos movimentos sensuais e indistintos de dois soldados descaminhados da região. “Calé dans mon renforcement je voyais sans être vu. Le sang me fouettait le cœur” [“Apoiado em uma cavidade eu podia ver sem ser visto. Sangue chicoteou meu coração”] (DETREZ, 1978, p. 112). De acordo com Almeida (2011), esse episódio marcou uma transição decisiva entre os sintomas de uma tendência latente e reprimida do narrador e a assunção de sua homossexualidade.

Com o advento do golpe civil-militar, diversos movimentos e ações progressistas, todavia, foram postos na clandestinidade pelo novo regime. Nesse contexto repressivo, o militante Detrez migrou da esquerda cristã para a resistência política antiditatorial, enquanto parte de uma necessidade pessoal de resistir ao autoritarismo, à censura e ao cerceamento da plena liberdade, como assim foi relatado por ele mesmo em entrevista concedida à Rosa Freire D’Aguiar:

Eu já me sentia integrado na vida intelectual do país e pretendia naturalizar-me. Com o golpe de 1964, todo o trabalho, apostólico e social, foi proibido, inclusive o de alfabetização de adultos que fazíamos. Senti-me atingido e não via como ficar à margem de uma luta pela restituição das liberdades democráticas e da justiça social (DETREZ, 1978 *apud* D’AGUIAR, 2023, p. 121).

Quando alguns de seus amigos da AC decidiram romper com a Igreja e ingressar

na Ação Popular (AP), Detrez os acompanhou. O belga começou a militar, assim, nessa organização política socialista extraparlamentar, que fora integrada por cristãos como o primeiro embrião de um partido cristão de esquerda no Brasil. Essa organização de esquerda extraparlamentar das décadas de 1960 e 1970 foi criada por quadros políticos que pertenciam à Juventude Universitária Católica (JUC). A ação tinha o objetivo de atuar nos principais movimentos sociais no Brasil, sobretudo nas causas camponesas, operárias e estudantis.

Quando ingressou na organização, Detrez, entretanto, não possuía uma formação política e ideológica sólida. Era simplesmente uma pessoa de boa vontade. A liderança do movimento, então, o enviou para fazer um estágio em Paris, um local aberto de fermentação intelectual, onde passou seis meses estudando marxismo com Louis Althusser, grande referência intelectual do campo marxista, e sua brilhante aluna, Marta Harnecker. Por lá, também se encontrou com outros militantes sul-americanos. Após esse período, fez muitas viagens pela América Latina, retornando ao Rio de Janeiro em 1965, onde começou a trabalhar como tradutor para sobreviver.

Seu engajamento político e sua conduta transgressora intensificaram-se após seu retorno ao Brasil, o que contribuiu para a combinação de dois elementos importantes em sua vida: evangelização e trabalho. Ainda que não sentisse muita estima pelo comunismo, enveredou para o marxismo e para a esquerda radical, passando a nutrir grande admiração por importantes figuras históricas latino-americanas, como Che Guevara e Fidel Castro. “On devint ainsi de frais disciples de Marx. Teilhard et Mounier étaient des vieilles lunes” [“Tornamo-nos assim novos discípulos de Marx. Teilhard e Mounier eram luas antigas”] (DETREZ, 1981, p. 29).

Na clandestinidade imposta pelo regime ditatorial-militar, a resistência esquerdista ocorria por meio de encontros secretos, saques e transportes de armamentos, assaltos a bancos e sequestros de pessoas ligadas às cúpulas da ditadura. Ocorria também por meio de manifestações, propagandas, panfletos, traduções e formações ideológicas, no qual Detrez atuava ativamente. Seu trabalho era mais técnico-intelectual do que propriamente bélico. O belga “[...] provavelmente nunca soltou um tiro [...]” (DAERDEN, 2014, p. 70).

Anteriormente dedicado à organização de arrecadação de fundos e distribuição de

alimentos para os necessitados nas favelas, o belga também expandiu seu papel militante ao se tornar correspondente da imprensa belga. Nessa nova função, assumiu um papel ativo na denúncia dos excessos do governo de Humberto Castello Branco (1964-1967), por meio das páginas do diário cristão *La Cité*. Essa mudança de foco não só demonstrava sua evolução pessoal e profissional, mas também refletia seu amplo compromisso com a justiça social e a luta contra a opressão. Em 1965, publicou um artigo na revista *Combat* sobre federalismo e política internacional.

Com o decorrer dos meses, o seminarista se afastou cada vez mais da Igreja, cuja alta hierarquia apoiava o novo regime ditatorial, até romper definitivamente com a instituição. Esse distanciamento coincidiu com uma mudança significativa em sua vida. Impulsionado pelas novas relações que vivenciou no Brasil, ele questionou e eventualmente abandonou sua fé cristã. Essa jornada de autodescoberta e aceitação não apenas influenciou sua visão sobre religião e espiritualidade, mas também impactou profundamente sua identidade e perspectivas sobre o mundo ao seu redor. O confronto com novas experiências e a quebra de paradigmas religiosos tradicionais foram catalisadores para uma transformação pessoal e uma redefinição de seus valores e crenças.

Um ponto fundamental para seu desabrochar para a militância política foi seu encantamento pela diversidade da cultura brasileira. Desde sua chegada, o turista Conrad ficou apaixonado pelas riquezas culturais do Brasil, sendo impactado de modo carnal e espiritual. Em sua passagem, enveredou pelo carnaval. Experimentou do sexo proibido e das orgias, com homens e mulheres. Conheceu cultos africanos e pagãos. Frequentou pais e mães de santo. Abandonou a paternidade exclusiva de Deus e foi adotado por Ogum, orixá da guerra.

Para a trajetória de Detrez, o Brasil apareceu como um lugar inicial de tomada de consciência tanto da sua própria existência quanto da realidade de um país imerso em um contexto autoritário. Um país exótico e atraente que contrastava com o clima pacato da Europa. Diferente da Bélgica, o Brasil representava a abertura sexual, a esperança revolucionária e o comprometimento político para Conrad Detrez, o seminarista, o guerrilheiro e o militante. “[...] Hoje sou o resultado de duas vivências, a europeia e a brasileira [...]” (DETREZ, 1980 *apud* BONFIM, 1980, p. 25).

Vivendo em meio à resistência clandestina, o guerrilheiro Conrad Detrez foi

taxado de “subversivo” pelos militares. Em vista do recrudescimento ditatorial, passou a precisar ser chamado pelo pseudônimo de Domingues (ou Domingos). Essa mudança de identidade gerou estranheza e um sentimento de dissociação da personalidade do militante.

Mesmo em suas marginalidades, o belga seguia ativo na militância antiditatorial, sendo uma importante peça de uma rede de solidariedade que se formava no Rio de Janeiro. Era comum, por exemplo, realizar frequentes visitas ao ex-ministro da Educação do governo João Goulart, Paulo de Tarso dos Santos (1963), que se exilara na embaixada do Chile, no Flamengo.

Em dezembro de 1966, Domingues passou a ser vigiado pelo regime militar após um médico que facilitou a internação de Betinho, líder da Ação Popular, ser descoberto como agente da polícia. Três dias após uma cirurgia, a polícia invadiu o seu apartamento, confiscando documentos, levando-o preso. Durante seis dias, foi torturado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), a polícia política do regime militar, no Rio de Janeiro. Sua prisão ganhou destaque na imprensa, e após ajuda da embaixada belga, foi libertado. Com apoio de frades dominicanos, conseguiu fugir do Brasil para escapar da ditadura.

CONRAD DETREZ E A DITADURA SALAZARISTA (1974-1976)

Seis anos após sua primeira passagem pelo Brasil, o jornalista aceitou um novo desafio de ser repórter correspondente na capital portuguesa, a fim de cobrir um dos principais acontecimentos históricos da década para uma das principais rádios belgas. Em 1974, desembarcou em Lisboa para noticiar a Revolução dos Cravos (1974) para toda a Europa. Juntamente com Dominique de Roux, foi um dos raros falantes de francês a testemunhar esse acontecimento (SAENEN, 2016).

Para essa função, Detrez renunciou, definitivamente, seu posto de militante e passou a ser correspondente da Rádio Televisão Belga (RTBF), um dos maiores serviços públicos de comunicação francófona da Bélgica, em Portugal. Enquanto esteve em solo português, o jornalista vivenciou as consequências políticas, sociais e culturais do levante popular e militar que encerrou o período salazarista no país, e das independências das colônias portuguesas localizadas em África.

A mudança de ares gerou a possibilidade de que o jornalista não rompesse definitivamente com a ação direta, mesmo em seu ceticismo crescente. “Pour la gauche européenne, ce pays était devenu un pôle d’attraction. Pour les Brésiliens de l’exil, une patrie. La nation de Camoens et de Pessoa s’exprimait en outre dans ma seconde langue; et c’était le berceau de ma seconde culture” [“Para a esquerda europeia, este país tornou-se um pólo de atração. Para os brasileiros no exílio, uma pátria. A nação de Camões e Pessoa também se expressou na minha segunda língua; e foi o berço da minha segunda cultura”] (DETREZ, 1981, p. 122). Nesse contexto, foi levado a participar de mais uma experiência revolucionária, estando rodeado de esquerdistas de todos os matizes e de diferentes partes do mundo.

Todavia, mesmo com seu passado brasileiro de paixões militantes radicais, a vivência de Detrez na Lisboa revolucionária contribuiu para consolidar sua renúncia à luta armada enquanto único meio legítimo de transição para o socialismo. Em futura entrevista com Rosa Freire D’Aguiar, o jornalista relatou melhor quais foram os motivos para o seu desencantamento com o uso de ações militares na esquerda radical:

Em suma, acho que a luta armada pecou por militarismo, radicalismo pequeno-burguês e por não ter analisado a realidade com a devida lucidez. Houve um comportamento esquizofrênico. Eles enxergavam a realidade como queriam que ela fosse, deformando-a através de óculos ideológicos rígidos. E agiam a partir dessa visão irreal. Essa patologia política foi o mal da época, e atingiu todo o esquerdismo latino-americano. [...] Quando faço uma crítica ao comportamento do esquerdismo brasileiro, não quero atacar a coragem de ninguém. Eles lutaram por valores que achavam fundamentais. Os de origem cristã tinham uma motivação moral; os marxistas, uma concepção histórica determinada pelos interesses do proletariado. No fundo, o objetivo era um só: justiça social. Mas deve-se analisar a causa psicológica de tanto radicalismo. Era evidente que problemas de frustrações afetivas ou de revolta contra a família autoritária geraram uma opção política extrema. A transferência da revolta familiar para a política explica o número importante de militantes mineiros, saídos de um estado em que a educação familiar era rígida. O importante é saber o porquê de seu comportamento. Creio que nem todos sabiam (DETREZ, 1978 *apud* D’AGUIAR, 2023, p. 126-127).

A abdicação de ações militares, por sua vez, também levou à ruptura do belga com a ortodoxia marxista-leninista (MASSIN, 2023). No lugar da luta armada, floresceu a via democrática, enquanto alternativa política mais viável para o campo progressista, em sua própria concepção. “Seul alors m’est devenu acceptable le socialisme démocratique” [“Só

então o socialismo democrático se tornou aceitável para mim”] (DETREZ, 1981, p. 128).

Sua nova guinada foi movida por um sentimento intuitivo.

Em alguns de seus romances autobiográficos, Detrez até zomba (1981; 1986) dos estrangeiros que se tornaram, para ele, seus próprios compatriotas. Também chega a gozar dos turistas de esquerda em busca de tumultos e barricadas, que desejariam mais, mas que acabaram por se contentar com um golpe de Estado polido e inofensivo, observado de perto por seus aliados americanos.

Mesmo com o contexto político lisboeta, esse novo momento de sua vida foi, assim, marcado por sua desilusão definitiva com a política revolucionária e com o pensamento esquerdista de um modo geral, como ele mesmo posteriormente deixou claro em seu ensaio *Les noms de la tribu* (1981), uma obra que “[...] pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada [...]” (ADORNO, 2003, p. 34).

Almeida (2011) destaca que em seu novo país, Detrez se sentia cansado pois ele havia testemunhado outras revoluções onde pessoas morreram. Em sua concepção, a guerrilha estava completamente exaurida. Cada batalha travada, cada perda sofrida pela causa, parecia apenas contribuir para um ciclo interminável de dor e desesperança. O antigo militante ansiava por um momento de paz e tranquilidade, longe das armas e dos conflitos que haviam marcado sua vida desde o início.

A eclosão e as consequências do levante popular de 25 de abril de 1974 o deixaram bastante desconfiado com qualquer forma de radicalismo da esquerda. Seu contrato durou cerca de dois anos. Nesse período, a cidade de Lisboa moldou seu novo perfil político, que foi visto em suas futuras inserções sociais após esse momento. Quando o repórter, enfim, partiu de Portugal, deixou boa parte de sua herança revolucionária no país e, da capital lusitana, levou sementes de saudades do seu antigo “eu”.

Morar em Lisboa e cobrir os acontecimentos da Revolução dos Cravos (1974) fizeram com que Detrez se tornasse ainda mais reservado em sua vida política e literária, ao retornar a Paris como crítico literário colaborador da *Le Matin*, *La Relève* e *Le Magazine littéraire* e na rádio France-Culture. Depois de traduzir e comentar autores brasileiros na Europa, como Antônio Callado e Jorge Amado, a introspecção passou a guiar suas produções artísticas, em especial seus romances autobiográficos.

Ainda em Lisboa, a literatura transformou-se no refúgio de Detrez contra a

crueledade dos homens. As palavras transformaram-se em suas fiéis escudeiras e em lamparinas que o fizeram enxergar a beleza pura do mundo. Por meio delas, suas novas formas de se defender contra os estragos da realidade passaram a ser o escárnio e a ironia, como assim foi dito à Christian Panier, em uma entrevista publicada pela *La Revue nouvelle*, em setembro de 1981 (PANIER, 1981). “Foi uma espécie de autoanálise de caneta na mão. O que me salvou foi realmente escrever” (DETREZ, 1980 *apud* BONFIM, 1980, p. 25).

De forma paradoxal, ao mesmo tempo em que a capital portuguesa exauriu a sua ideologia e seu espírito revolucionário, a cidade, personificada pela vista deslumbrante sobre o rio Tejo no Cais do Sodré, também o acolheu de múltiplas formas, em suas angústias, medos, fracassos e novas aspirações.

Uma nova pátria e uma nova língua que foram os refúgios necessários para o início de sua “autobiografia alucinada” de sua infância até a vida adulta (ALMEIDA, 2011b). Para escrever sobre sua vida, suas angústias e experiências, o jornalista iniciou, ainda em Lisboa, uma intensa retrospectiva psicanalítica em torno de sua trajetória e ações no mundo. Para esse objetivo, julgou válido remontar às suas maiores referências na literatura, como Antônio Callado, que conhecia pessoalmente Gabriel García Márquez, Reinaldo Arenas e Charles de Coster.

Anos mais tarde, o escritor belga falou abertamente sobre como a introspecção foi utilizada como estratégia psicanalítica de escrita de sua própria “autobiografia transposta”, como pode ser observado na entrevista abaixo:

Na realidade, tudo estava dentro de mim. Fiz várias tentativas para contar o que queria, mas senti, em determinado momento, que era necessário um certo distanciamento. Na verdade, o que procurava era o estilo e o tom para narrar, literariamente, minha educação católica na Bélgica, a tomada de consciência política no Brasil, o despertar sexual também no Brasil e a revolução de Maio de 68 na França. [...] A partir de elementos vividos, a minha imaginação se empolgou e tentei tirar o que tinha de mais profundo em minha experiência, o que estava escondido (DETREZ, 1980 *apud* BONFIM, 1980, p. 25).

ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE DETREZ EM BRASIL E PORTUGAL

Conrad Detrez, um dos escritores belgas mais proeminentes do século XX, viveu intensamente as realidades sociopolíticas do Brasil e de Portugal, países que marcaram profundamente sua trajetória. Sua experiência nesses dois contextos distintos revela tanto suas afinidades quanto suas frustrações com as lutas políticas locais e nacionais.

No Brasil, Detrez chegou em um momento de grande efervescência política, durante os anos 1960, quando a luta contra a ditadura militar que se instalou em 1964 era uma prioridade para muitos intelectuais e militantes. Envolveu-se ativamente com movimentos de esquerda, identificando-se com as causas populares e com a luta armada como forma de resistência ao regime autoritário.

O Brasil representou para Detrez uma terra de esperanças revolucionárias, onde ele encontrou um cenário de luta genuína contra a opressão. Essa experiência alimentou sua produção literária, em que ele descrevia a vitalidade e a violência do país. Contudo, o desencanto veio com a repressão brutal do governo militar e a constatação das dificuldades intrínsecas à organização revolucionária, que culminaram na derrota das forças progressistas. Detrez, assim como muitos de seus contemporâneos, viu-se forçado ao exílio, carregando consigo uma desilusão com o fracasso do projeto revolucionário brasileiro.

Nesse sentido, a figura do Brasil pode ser lida como um lugar utópico que alimentou os desejos e sonhos mais profundos de Conrad Detrez. Foi a terra da tentação, da vontade, da esperança, da possibilidade, do engajamento, da realidade e da transformação, mas, sobretudo, da vida, de uma nova vida. Foi seu refúgio de uma Europa superficial que condenava seus habitantes a um derradeiro vazio existencial. Foi, antes de tudo, um lugar para o seu renascimento, enquanto homem, homossexual, intelectual e militante. Todavia, também foi lugar de sofrimento. Aqui, foi preso, torturado pelos militares e expulso do Brasil em 1967.

Sua primeira passagem pelo Brasil foi influenciada pela interseção entre religiosidade, homoerotismo, política e resistência, o que desembocou na construção de um sujeito polissêmico e multifacetado, caracterizado pela versatilidade e atuação em diferentes áreas no Brasil durante os anos de 1962 e 1967, seja no catolicismo, na

militância, na política ou na intelectualidade. Por conseguinte, o belga também influenciou a cultura brasileira em âmbito internacional, tendo em vista que suas primeiras obras publicadas foram traduções de autores brasileiros e ensaios sobre o contexto do país.

Em Portugal, porém, Detrez estava em uma nova fase de sua vida. Na capital do país, atuou como observador da Revolução dos Cravos, que derrubou o regime salazarista em 1974. No entanto, o processo aflorou em Detrez um sentimento de desencanto, solidão e introspecção. A revolução, embora vitoriosa, não alcançou todas as mudanças sociais que ele desejava, especialmente no que tange à justiça social e à radical transformação das estruturas tradicionais de poder.

Nota-se a recorrente busca, relativamente angustiante, de uma significação por meio desse deslocamento a um novo país. Ao ter vivido novas experiências no Brasil e sido expulso do país, o belga procurou sentido em outros locais que viveu, nesse caso a capital de Portugal. Todavia, não encontrou, a não ser, futuramente, na literatura autobiográfica do seu próprio “eu” ao longo do tempo. Viver em Lisboa construiu o caminho que o jornalista precisava percorrer para escrever sobre si mesmo.

Para ecoar seus testemunhos, Detrez recorreu ao romance e à ficção como meio de explorar suas próprias experiências. Nesse contexto, a organização subjetiva dessa manifestação de relato, proveniente daquele que esteve na oposição e resistência ao regime, ocorreu por meio de composições (auto)biográficas, (auto)ficcionais e autorreferenciais, apresentadas em formato literário, sendo elaboradas sem a influência direta de terceiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o período da redemocratização, vive-se atualmente um contexto ímpar de recrudescimento do autoritarismo no Brasil. Na atual conjuntura, narrar a trajetória de militantes perseguidos pela ditadura civil-militar brasileira é uma estratégia para impedir o apagamento proposital da repressão. Em um país de ambiguidades e polaridades, é preciso tomar partido e, nesse contexto, o trabalho do historiador surge como lâmpada em meio a uma escuridão marcada por preconceitos, estereótipos e silenciamentos.

Nesse cenário adverso, foi analisada a trajetória de Conrad Detrez, um romancista

belga de consciência política e um estilo enérgico, que viveu as principais convulsões do período pós-guerra. Nascido em uma família rural e católica em Liège, desviou-se do destino que parecia naturalmente destinado a ele, o sacerdócio, e encontrou forças para transcender suas raízes pelo mundo. Ele se tornou um ativista revolucionário, dedicado à libertação dos povos oprimidos, com um foco especial no povo brasileiro.

Sua trajetória de Detrez é marcada pela intensa conexão com os contextos de resistência e luta contrarregimes autoritários. Sua experiência no Brasil durante a ditadura civil-militar, seguida por sua participação de observador na Revolução dos Cravos em Portugal, revela uma vida dedicada à defesa dos direitos humanos, à justiça social e à liberdade. A análise micro-histórica de sua vida permite compreender a profundidade de sua influência tanto no contexto brasileiro quanto no europeu, destacando a importância de suas ações como parte de um movimento transnacional de resistência ao autoritarismo.

Detrez, ao se envolver ativamente na resistência brasileira, não apenas se distanciou de suas raízes religiosas, mas também redefiniu sua identidade em função das lutas sociais nas quais estava imerso. Sua militância na Ação Popular (AP) e sua colaboração como tradutor e jornalista desempenharam papéis cruciais na disseminação das ideias de resistência, tanto no Brasil quanto no exterior.

A interseção entre religiosidade, homoerotismo, política e resistência passou a moldar a sua vida após sua primeira passagem pelas ruas brasileiras. A partir dessa experiência, seu engajamento social, político, literário e cultural trouxe contribuições para a política e cultura nacionais. Foi o amor que o despertou para a realidade brasileira. E é esse mesmo amor que se espera que contribua para trazer luz à escuridão que permeia a atual realidade.

Ao examinar sua trajetória, pode-se perceber a relevância de seu trabalho na construção de narrativas alternativas que desafiam a censura e a repressão impostas pelos regimes ditatoriais. Detrez amplificou as vozes daqueles que estavam sendo silenciados, revelando a brutalidade do regime brasileiro para uma audiência internacional. Além disso, sua experiência na Europa, especialmente em Portugal, ampliou seu entendimento das lutas pela liberdade, reforçando seu compromisso com a causa democrática.

Comparando as experiências de Detrez no Brasil e em Portugal, percebe-se uma

trajetória marcada por altos e baixos emocionais e políticos. No Brasil, Detrez foi arrebatado pelo fervor revolucionário, mas também atingido pelo peso da repressão, da prisão política, da tortura e do exílio. Em Portugal, ele reencontrou o espírito revolucionário em um contexto diferente, onde a vitória foi possível, mas com concessões que limitaram o alcance das transformações desejadas por seu interior.

A trajetória do belga em ambos os países reflete um movimento pendular entre o encanto com as possibilidades revolucionárias e o desencanto com as realidades políticas. Seus escritos e reflexões sobre esses períodos são testemunhos de um intelectual comprometido com as lutas do seu tempo, mas também profundamente consciente das suas limitações e contradições.

Conrad Detrez representa, portanto, um exemplo de como a história de vida de um indivíduo pode iluminar as complexas intersecções entre política, cultura e identidade. Sua atuação, tanto no Brasil quanto em Portugal, reforça que a luta pela liberdade e pelos direitos humanos transcende fronteiras, sendo uma causa global que conecta diferentes contextos e gerações. Por meio de sua história, é possível refletir sobre o papel crucial que os indivíduos desempenham na luta contra o autoritarismo e na defesa da democracia, e como suas ações podem ressoar muito além de seus contextos imediatos.

Assim, este estudo não apenas contribui para a compreensão da história recente das ditaduras de Brasil e de Portugal, mas também destaca a importância de continuar investigando e narrando as trajetórias de figuras como Detrez, cujas vidas foram marcadas pelo compromisso com a justiça e a liberdade. Em tempos de crescente autoritarismo e ameaças à democracia em várias partes do mundo, as vivências de Conrad Detrez permanecem tão relevantes quanto nunca, reforçando a necessidade constante de resistir e lutar pelos valores que definem a dignidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.

AIRES, Luísa. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

ALMEIDA, José Domingues de. *Approche autofictionnelle de l’homosexualite dans*

l'œuvre romanesque de Conrad Detrez allusion, latence et chastete. **Polissema**, n. 11, p. 119-130, 2011a. Disponível em: <https://doi.org/10.34630/polissema.v0i11.3092>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ALMEIDA, José Domingues de. Le Portugal expliqué aux belges, sur trois “itinéraires” décalés: Albert t'Serstevens, Conrad Detrez et Jean-Claude Pirotte. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 24/25, p. 212-227, dez. 2011b. Disponível em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/140>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BOITO JÚNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v. 50, p. 111-119, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1213592>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BONFIM, Beatriz. Ex-militante radical, hoje um escritor premiado: a morte simbólica de Conrad Detrez. **Jornal do Brasil**, 07 jun. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/10165. Acesso em: 24 mar. 2024.

D'AGUIAR, Rosa Freire. **Sempre Paris**: crônica de uma cidade, seus escritores e artistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DAERDEN, Peter. “De rebelde a escritor laureado: Conrad Detrez no Brasil”. In: STOLS, Eddy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (Orgs.). **Brasil e Bélgica**: cinco séculos de conexões e interações. São Paulo: Narrativa Um, 2014. p. 69-71.

DETREZ, Conrad. **Jardim do nada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

DETREZ, Conrad. **L'herbe à brûler**. Paris: Calmann-Lévy, 1978.

DETREZ, Conrad. **La mélancolie du voyeur**. Paris: Denoël, 1986.

DETREZ, Conrad. **Les noms de la tribu**. Paris: Seuil, 1981.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MASSIN, Arnaud. **Le désir, de la parole aux actes?** Approche sociocritique du Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations de Raoul Vaneigem et du Chant des paroxysmes de Marcel Moreau. 2023. 175 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Liège, Faculdade de Filosofia e Letras, 2023. Disponível em: <https://matheo.uliege.be/handle/2268.2/16892>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PANIER, Christian. Du Brésil à Paris et détours: entretien avec Conrad Detrez. **La Revue nouvelle**, Bruxelas, n. 9, p. 199-207, set. 1981.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap. 1. p. 15-38.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. Conrad Detrez: o romance como arma de combate. **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**, n. 16, p. 233-262, 2019.

Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/conrad-detrez-o-romance-como-arma-de-combate>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SAENEN, Frédéric. Conrad Detrez, enfant du siècle et persona non grata, **Revue**, 2016. Disponível em: <http://www.revues.be/le-carnet-et-les-instants/129-le-carnet-et-les-instants-189/281-conrad-detrez-enfant-du-siecle-et-persona-non-grata>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SIZILIO, Ricardo José. **“Vai Carlos, ser Marighella na vida”**: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia (1911-1945). Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22096>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SOMMERVILLE, Donald. **The Complete Illustrated History of World War Two: An Authoritative Account of the Deadliest Conflict in Human History with Analysis of Decisive Encounters and Landmark Engagements**. Nova Iorque: Lorenz Books, 2008.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANATTA, Louis. “A antipolítica e a Doutrina de Segurança Nacional”. *In*: ZANATTA, Louis. **Uma breve história da América Latina**. São Paulo: Cultrix, 2017.